A CAPITANIA DO CEARÁ

Por Everton nascido na terra da luz, do sol e do mar

Fortaleza Ceará 2023

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Tendo visto as diversas críticas que faziam contra o meu livro sobre a Capitania do Ceará, há pouco compartilhado uns rascunhos com o público, achei que alguns falavam mal dele movidos pela fraqueza de pessoas vulgares que se ofendem não somente com aquilo que choca as opiniões, mas também com o estilo livre e ousado do livro que contém a minha linguagem varonil e por isso esse meu livro se expõe a rudeza e inveja de muitos.

Eu quero dizer a esses críticos que de modo algum esse livro é para todos, pois se fosse para todos eu estaria fugindo das minhas pretensões.

Eu sempre disse que esse meu livro é para os cearenses, e principalmente para os cearenses que buscam no Ceará a sua força.

Já outros me criticam por não me compreenderem bem. Ora, por causa de alguns que se ofendem com esse livro, eu tomei a decisão de revê-lo e corrigi-lo, excluindo o que estava errado e adicionando novas reflexões essenciais para compreendermos a origem do Ceará.

Por isso pensei em escrever essa última versão mais resumida e simplificada para não ser tão fatigante para os leitores cearenses. Aqui, neste livro, procurei dar atenção às coisas mais sublimes que existiam na Capitania do Ceará.

Pierre Charron dizia que para ser sábio é necessário conhecer a si mesmo antes de tudo e não se abalar pelas críticas mantendo uma atitude viril perante os problemas da vida; sendo assim eu comecei a aplicar esse método no povo do qual eu faço parte — comecei estudando o meu próprio povo. O fruto desse estudo é esse livro.

Ora, seguindo essa lição de Pierre Charron eu aprendi que o verdadeiro cearense viverá sem ofender ninguém porque conhece o seu próprio povo e a si mesmo, ele respeitará as leis de Deus, as leis do Ceará e os bons costumes sem fazer confusão e sem ser escândalo para as outras pessoas.

O cearense não se deve deixar levar como um búfalo, não deve acolher opiniões sem entrar em análise e discussão, nem receber ligeiramente tudo que se lhe apresenta, ainda que seja plausivelmente aceito por todos.

O bom cearense irá analisar friamente e sem paixão, não se ofende nem se liga ou obriga a coisa alguma, mas se mantém livre, católico e aberto a tudo, sempre pronto para receber a verdade quando ela se apresenta. Adere ao que lhe parece mais verdadeiro. Irá buscar nas origens do Ceará as respostas para as dúvidas e para os problemas do mundo de hoje.

O cearense que é apegado ao Ceará está livre de todos os outros lugares. De

onde vêm as guerras, as revoluções, as rebeliões e partidos senão daqueles que odeiam a terra em que nasceram e procuram a todo momento destruí-la para construir uma nova ordem? O Ceará, por exemplo, começou a ser destruído quando deixou de ser uma Capitania Hereditária.

As pessoas que odeiam o Ceará e vão embora são pessoas que nasceram para a escravidão. Elas livremente se deixam escravizar pelos outros povos. Elas abandonam a liberdade do Ceará para serem escravas em outro lugar. Eles são livres no corpo, mas na alma são escravos. Não temo aquele que é forte no corpo, mas é fraco na alma. Todos querem se servir daquilo que está no mundo, do que vem do Oriente, do Ocidente, para o bem e para o serviço do corpo, da saúde, da comida, do ornamento, e acomodar esse todo a seu uso pessoal, mas não para a cultura do espírito, que somente o Ceará é capaz de oferecer.

Eu sou daqueles que amam o Ceará. É para esses é que me dirijo e escrevo. Esses são atacados por muitos, na verdade, por

todos; e não teimam com nada. Para mim os cearenses se sobressaem acima do comum.

INTRODUÇÃO

O meu livro não traz nenhuma novidade, mas sim um resgate das tradições do Ceará já esquecidas.

Aqui quero deixar uma pequena contribuição para os historiadores mais competentes do que eu para que possam escrever uma história da Capitania do Ceará mais completa do que a minha, porque eu não tenho a capacidade de escrever um livro sobre a história da Capitania do Ceará.

Por isso, este livro não é a história da Capitania do Ceará; ou pelo menos não é a história completa da Capitania do Ceará. É apenas uma reflexão sobre o período colonial cearense. É um ensaio. É mais uma obra filosófica do que historiográfica. É uma filosofia da história cearense.

Meu amigo leitor, este livro é cearense, ele foi escrito para ser lido no Ceará no mesmo lugar onde ele foi escrito.

Este livro não está dominado por análises enfadonhas, complexas, e por referências e bibliografias de arquivos exaustivos. As fontes que irei usar aqui são aquelas fontes que menos valor tem para a comunidade científica como as cartas escritas pelos capitães-mor da Capitania do Ceará; quanto menos valor tem uma fonte para a comunidade científica, maior valor ela terá para mim utilizar nessa obra.

Eu, pessoalmente, e acho que os historiadores mais competentes poderiam seguir o meu método, costumo dividir a história do Ceará em três períodos, são eles: 1) o período da Capitania (1603-1822); 2) o período da Província (1822-1889); 3) e o período do Estado (1889-presente).

A Província do Ceará foi o período na história do Ceará mais curto, porém, o mais importante, pois foi naquele período onde o povo cearense se consolidou como um povo dentro do território brasileiro. Antes da

Província do Ceará, éramos uma colônia que trabalhava para o benefício dos portugueses; com a independência do Brasil, a Província do Ceará buscou combater o sistema colonial português.

Nesse meu livro, vamos focar mais no período da Capitania e deixaremos os outros dois períodos para outro livro.

O colonialismo português, que existiu no Ceará de 1603 até 1822 foi um crime; devemos sempre denunciar isso quando for possível. Porém, nem tudo o que os portugueses fizeram na Capitania do Ceará foi um mal, como eu irei mostrar ao longo deste livro.

A Capitania do Ceará, que existiu entre os séculos 17 e 19, pode ser considerada a Idade da Luz na história do Ceará, porque foi o período mais libertário na nossa história. É por isso que aquele período é tão pouco estudado e tão pouco admirado, pois as pessoas só admiram as trevas da história do Ceará, que basicamente foi o século 20 e 21. Vivemos nas ruínas da Capitania do Ceará.

Acredito que a obrigação de governo é garantir a propriedade privada, a liberdade dos indivíduos e a paz através da segurança pública e do armamento civil. O resto como educação, saúde, cultura, infraestrutura, economia, etc, devem ficar com a iniciativa privada. Era assim que funcionava a sociedade na Capitania do Ceará.

Naquele tempo não tínhamos banco central, nem tão pouco uma moeda nacional. Não tínhamos ditadores e nem tiranos nos dizendo o que devemos fazer da nossa vida. Os impostos eram quase inexistentes, pois éramos uma Capitania subordinada a Capitania de Pernambuco. Tínhamos ampla autonomia de tal forma que podemos dizer que a Capitania do Ceará era quase um país independente. Não havia serviço militar obrigatório. Não havia funcionários públicos concursados com salários exorbitantes e privilegiados vivendo dos impostos como hoje em dia.

A Capitania do Ceará foi o período mais longo da história do Ceará e o mais glorioso. Muitos historiadores do Ceará tentam esquecer ou ignorar a história da

Capitania do Ceará, porque são ignorantes e nada sabem. Não sabemos quase nada sobre a Capitania do Ceará, porque estamos vivendo em uma era de trevas onde tudo o que é belo, sublime e divino é ignorado, e tudo o que é feio, vil e bestial ganha a atenção das massas populares. Os nossos atuais historiadores do Ceará são incapazes de admirar a Capitania do Ceará, porque eles foram ensinado a desprezá-la. Não sabemos nada sobre a Capitania do Ceará porque a mentalidade materialista dominou o Ceará desde tempos imemoriais.

O QUE ERA O CEARÁ ANTES DA CHEGADA DOS EUROPEUS?

O nosso atual Ceará, antes da chegada dos europeus, era um lugar rico em riquezas naturais, rico em prata e praias com suas águas cristalinas esverdeadas. Éramos ricos em riquezas salinas, em árvores frutíferas e em animais. Tínhamos um bom

povoamento indígena que se dividiam em pequenas comunidades por todo o território do Ceará. Tínhamos os nossos próprios idiomas e culturas.

Após a invasão do Ceará pelos europeus, especialmente os portugueses, essa riqueza se misturou com a riqueza cultural portuguesa dando origem, assim, a atual cultura do povo cearense.

Assim, surgiu o nosso idioma conhecido popularmente como “cearensês”. A escravidão do idioma “cearensês” ao idioma português não lhe tem deixado mostrar a sua índole e genialidade própria.

A FUNDAÇÃO DA CAPITANIA DO CEARÁ

A Capitania do Ceará jamais foi uma colônia de Portugal, colônia no sentido exploratório, mas sim um imenso território do reino católico português na América.

Os portugueses, cheios de pensamentos católicos que eles herdaram da Idade Média, e com grande vontade de levar a mensagem de Cristo a outros povos, vieram para o Ceará e aqui fundaram a Capitania do Ceará com um espírito missionário, e não exploratório como dizem os historiadores materialistas.

Os portugueses vieram para salvar vidas e almas. O Padre Francisco Pinto representa bem esse espírito missionário.

Sabemos que os portugueses são os patriarcas da Capitania do Ceará. A fundação da Capitania do Ceará aconteceu em uma missa solene celebrada pelo Padre Francisco Pinto. Nenhum outro povo teve o privilégio de ter sido fundado por uma missa celebrada por um Santo Padre como Francisco Pinto. A missa que batizou a Capitania do Ceará aconteceu no litoral, à beira-mar, em Fortaleza, na Barra do Ceará, com um altar portátil que era carregado por dois índios. A cruz de Cristo que trouxe Martim Soares Moreno foi o símbolo da conquista. Aqui, Martim Soares Moreno conquistou terras e almas para El-Rei

católico. E os índios da Capitania do Ceará participaram da missa eucaristica. Nas areias da Barra do Ceará ajoelharam-se os índios e portugueses perante o corpo e o sangue de Cristo. A hóstia sagrada, erguida nas mãos do Padre Francisco Pinto, foi adorada por portugueses e indígenas que estavam em guerra. Desde aquele dia, o dia que aconteceu o santo sacrifício eucarístico e também o sacrifício do Padre Francisco Pinto, o povo da Capitania do Ceará jamais deixou de ser católico. A igreja católica abriu os braços para acolher o índio e o português que através desses dois povos iria surgir a atual civilização cearense. A religião católica conseguiu unir o que era inimigo. Esse Padre Francisco Pinto era de fato um santo. Devemos reconhecer o valor desse Santo Padre que enfrentou os índios do Ceará armado apenas com um terço e um livro de orações. Esse prodígio deveria ser contado anualmente no Ceará.

Os portugueses que estiveram na Capitania do Ceará podem ser considerados os fundadores da Capitania do Ceará.

Entre eles, quero destacar os nomes dos portugueses Martim Soares Moreno (fundador do Ceará), Pero Coelho de Sousa (primeiro capitão-mor do Ceará), Manuel Francês (fundador da Vila de Fortaleza), Padre Francisco Pinto e Padre Luis Figueira (ambos são os primeiros missionários do Ceará), o Padre alemão João Guinzel (ou Guedes que fundou o hospício dos jesuítas em Aquiraz) que embora fosse alemão, ele sempre trabalhou para o benefício de Portugal e do Ceará, o Padre Antônio Vieira (primeiro filósofo a visitar o Ceará) e vários outros importantes portugueses que estiveram na Capitania do Ceará e que eu irei citar ao longo desse livro.

O PRIMEIRO CEARENSE

O surgimento do primeiro cearense se deu ainda durante a Capitania do Ceará.

Segundo a lenda de José de Alencar, o primeiro cearense foi Moacyr, filho da

índia cearense Iracema com o português Martim Soares Moreno.

Embora isso seja apenas uma lenda, ela não está longe da realidade. É um fato a miscigenação entre índios do Ceará e colonizadores portugueses. Martim Soares Moreno dizia em suas cartas que havia deixado 10 portugueses casados no Ceará e com muitos filhos. Por isso, devemos considerar Moacyr como sendo o primeiro cearense.

Agora vamos imaginar como teria sido o primeiro cearense. Ele, provavelmente, era um pardo com fortes traços indígenas que herdara de sua mãe Iracema, que usava roupas velhas de origem portuguesa, que tinha a fé católica e educação jesuítica. Provavelmente era, assim como o seu pai Martim Soares Moreno e sua mãe Iracema, um guerreiro que andava a cavalo e que usava tanto armas indígenas como armas europeias. Poderia ter sido um chefe de uma aldeia indígena e morrido de velhice, após longos combates ao lado dos portugueses. Teve, provavelmente, uma prole numerosa de tal

forma que quase todo cearense atual é seu parente.

A ORIGEM DO NOME "CEARÁ"

A origem do nome "Ceará" vem da corrupção da palavra "Siara" que também é uma corrupção da palavra "Seara" que significa basicamente "cultivo". Portanto, a palavra "Ceará" significa "terra a ser cultivada". José de Alencar tentou apagar esse significado dando a ele um significado indígena, ou seja, um nome nativo "terra onde canta a Jandaia". Mas a tradução correta é terra a ser cultivada, que se escrevia "Siará". Os portugueses chamavam essas terras de Seara, que depois ficou "Ceará". A palavra "Ceará" é bem melhor do que "Siará", pois é um nome exclusivo nosso.

Durante o período do Ceará colonial ou da Capitania do Ceará não existia o nome "cearense". O povo que habitava a

Capitania do Ceará era chamado pelos portugueses de “Índios do Ceará” ou “Índias do Ceará”. Esse nome “cearense” só começou a ser usado após a independência do Brasil, durante o ano de 1822, quando o Ceará deixou de ser Capitania do Ceará e passou a ser Província do Ceará.

Desconheço quem foi o primeiro a usar o nome “cearense” para se referir ao povo do Ceará.

Além disso, existe um nome católico do Ceará. O nome é o seguinte: Terra de Santa Maria da Consolação. Esse nome foi dado pelo espanhol Vicente Pinzon quando encontrou o território cearense.

AS VILAS DA CAPITANIA DO CEARÁ

Aquiraz foi a primeira vila da Capitania do Ceará, criada por despacho real de 1699. Foi estabelecida, efetivamente, por ordem do governador de Pernambuco,

em 1700, a capital da Capitania do Ceará. O território da Vila de Aquiraz abrangia quase todo o litoral da cidade de Fortaleza, incluindo a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Futuramente a Vila de Fortaleza se tornaria independente da Vila de Aquiraz.

Em 1710, Aquiraz recebeu a denominação católica de São José do Ribamar do Aquiraz.

Fortaleza foi a segunda Vila da Capitania do Ceará fundada por Manuel Francês em 1726 e se tornou a Capital da Capitania do Ceará. O seu nome católico era Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Fortaleza era uma Vila que não tinha prefeito, pois era governada pela Câmara de Vereadores da Vila assim como todas as outras Vilas. A Câmara da Vila de Fortaleza foi instalada, ainda, na Vila de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. A Câmara possuía a figura do intendente, que funcionava como prefeito. Nesse tempo a Câmara era formada por dois juízes e três vereadores. A votação era feita pelos seus membros de forma indireta, para o mandato de um ano, podendo ser renovado por mais

um ano. Todas as funções de organização política da Vila eram exercidas pela Câmara da Vila. As Vilas da Capitania do Ceará são as seguintes:

→ Vila de Fortaleza, em que residia o governo da Capitania do Ceará. O nome da padroeira dessa Vila era Nossa Senhora da Assunção. A maioria da população dessa Vila era de origem portuguesa. Essa Vila foi criada em 1726.

→ Vila de Aquiraz, cabeça de Comarca onde residia a justiça na Capitania do Ceará. O nome do padroeiro dessa Vila era São José do Ribamar. A maioria da população dessa Vila era de origem portuguesa. Essa Vila foi criada em 1699.

→ Vila de Aracati, a mais populosa e a mais rica da Capitania do Ceará. O nome do padroeiro dessa Vila era Santa Cruz do Aracati. Os vereadores dessa Vila eram bem mais ativos do que os vereadores de outras Vilas. Muitos escreviam cartas sobre a Vila, especialmente o vereador Manoel Esteves de Almeida que escreveu uma carta sobre a

história da Vila de Aracati em 1782. Na carta ele conta a história da Vila desde a sua fundação até o ano de 1885. Na carta ele diz que o fundador da Vila foi o Ouvidor Manoel José de Faria. A maioria da população dessa Vila era de origem portuguesa. Essa Vila foi criada em 1747.

→ Vila de Sobral, também possuía uma população considerável. A maioria da população dessa Vila era de origem portuguesa. Essa Vila foi criada em 1779.

→ Vila de Granja. A maioria da população dessa Vila era de origem portuguesa. Essa Vila foi criada em 1779.

→ Vila do Icó. Essa Vila possuía uma população considerável. A maioria da população dessa Vila era de origem portuguesa. O nome da padroeira dessa Vila era Nossa Senhora do Icó. Essa Vila foi criada em 1738.

→ Vila Viçosa. A maioria da população dessa Vila era de origem indígena. Essa Vila foi criada em 1759.

→ Vila do Crato. A maioria da população dessa Vila era de origem indígena. Essa Vila foi criada em 1765.

→ Vila de Montemor o Novo de Amontada. A maioria da população dessa Vila era de origem indígena. O nome da padroeira dessa Vila era Nossa Senhora de Palma.

→ Vila de Arronches. A maioria da população dessa Vila era de origem indígena.

→ Vila de Soure. A maioria da população dessa Vila era de origem indígena. O nome da padroeira dessa Vila era Nossa Senhora dos Prazeres.

→ Vila de Messejana. A maioria da população dessa Vila era de origem indígena. José de Alencar nasceu nessa Vila. O nome da padroeira dessa Vila era Nossa Senhora da Conceição.

→ Vila de Quixeramobim. O nome católico dessa Vila era Vila de Santo Antônio de Quixeramobim. Essa Vila foi criada em 1789.

→ Vila de Parangaba.

→ Vila de Baturité. Essa Vila foi criada em 1764.

Cada uma dessas Vilas possuía uma Câmara de Vereadores com seus próprios governos independentes do governo da Capitania do Ceará.

As Vilas que ficavam ao redor da Vila de Fortaleza, como as Vilas de Aquiraz, Messejana, Soure e Parangaba serviam como uma "muralha" militar de defesa da Capital da Capitania do Ceará contra os ataques indígenas. Cada uma dessas Vilas possuíam uma pequena guarnição para a defesa, por terra, da Vila de Fortaleza.

Quase todas as Vilas da Capitania do Ceará tinham uma origem em uma tribo indígena. Muitos índios católicos toram fundadores de vilas como o índio Jacob que fundou o povoado de São Benedito após a invasão holandesa.

A GEOGRAFIA DA CAPITANIA DO CEARÁ

A geografia da Capitania do Ceará era completamente desconhecida dos seus habitantes. E assim permanece até os dias de hoje.

Porém, a Capitania do Ceará era um paraíso. Localizado logo abaixo da linha do Equador, que possuía um céu azul e transparente durante quase todo o ano, sem sofrer com catástrofes como tsunamis, vulcões, furacões ou terremotos, podemos dizer com toda a convicção que a Capitania do Ceará era um paraíso. Mas não era um paraíso onde tudo era perfeito; era um paraíso dos santos e mártires.

O sol da Capitania do Ceará não era um sol comum; era um sol que dava vida aos nobres espíritos que tiveram a graça de nascer na Capitania do Ceará. A maior parte da população da Capitania do Ceará possuía uma grande resistência ao sol. E não somente ao sol, mas também a dor, a

doença e ao sofrimento. Não podemos negar que a população da Capitania do Ceará era um povo monumental. Todo cearense da Capitania do Ceará tinha um inimigo comum, perene, invencível e opressor – o sol. O fenômeno da seca, causado pelo excesso de sol, constituía um fenômeno natural ou normal para os habitantes da Capitania do Ceará. Por isso não vemos reclamações contra a seca antes do governo de João Carlos Augusto que fez muito contra a seca na Capitania do Ceará.

Contudo, não devemos ter vergonha desse clima inadequado, pois é a ele que devemos todas as nossas qualidades.

A teoria que diz que o povo cearense está predestinado ao sofrimento faz todo o sentido quando estudamos a história da Capitania do Ceará.

A Capitania do Ceará era um sertão de lágrimas. E se faltava água nos açudes e riachos, nos olhos da população cearense, a água jamais faltava.

Tenho dito aqui que a Capitania do Ceará era um paraíso; e isso não se trata de uma mentira, mas sim da nossa verdade.

OS MAIS IMPORTANTES GOVERNADORES DA CAPITANIA DO CEARÁ

Durante o período colonial, os governadores do Ceará recebiam o nome ou o título de "capitão-mor do Ceará".

O capitão-mor do Ceará era como se fosse um rei. Ele era um rei temporário nomeado pelo imperador de Portugal.

O que hoje em dia são os estados do Brasil eram no passado reinos. Esses reinos eram de economia neofeudal mista com o capitalismo que ficaram conhecidos como Capitanias Hereditárias.

Durante a Capitania do Ceará não havia ali democracia, com exceção das Vilas que possuíam Câmara de Vereadores.

Mas sim uma aristocracia católica. Éramos governados pelos melhores católicos de Portugal.

A aristocracia é o governo onde o que domina e governa o povo é o espírito, o reino da qualidade, enquanto que na democracia o que domina e governa o povo é a matéria, o reino da quantidade.

Os aristocratas católicos da Capitania do Ceará eram um pequeno número de homens de costumes nobres, e o seu poder e sua autoridade vinha da sua superioridade intelectual em comparação aos nativos. Um autêntico aristocrata da Capitania do Ceará só podia ser católico e intelectual. Era isso de governo que tínhamos na Capitania do Ceará.

Os governadores da Capitania do Ceará levaram ao Ceará o catolicismo, e por isso eles tem o meu respeito.

Porém, segundo o padre jesuíta nascido em São Paulo João Leite de Aguiar, os capitães-mor da Capitania do Ceará, sem citar o nome deles (por isso, isso pode ser uma forma de calúnia ou ofensa), não eram

bons católicos. Outro Padre que também denunciava os capitães-mor da Capitania do Ceará era o Padre José Pereira, vigário de Aquiraz. Ele escreveu várias denúncias em 1787, principalmente contra o João Batista de Azevedo Coutinho de Montauri.

Alguns franceses, espanhóis e holandeses estiveram no Ceará durante os séculos 16 e 18, são eles:

→ Espanha — Vicente Pinzón foi um navegador espanhol que descobriu o Ceará muito antes dos portugueses, mas que não chegou a conquistar o Ceará por causa do tratado de Tordesilhas. Assim, quando Vicente Pinzon descobriu que o território do Ceará estava do lado português, resolveu abandonar a recente terra descoberta. Vicente Pinzon conseguiu chegar em Fortaleza, na ponta do Mucuripe, em janeiro de 1500, que o navegador batizou o lugar catolicamente de Terra de Santa Maria da Consolação.

→ França — Adolf Montbille é o único francês influente a ter passado pelo

Ceará durante a Capitania do Ceará. Ele viveu na aldeia de Mel Redondo, no Ceará, e era muito amigo dos índios. O povoado do índio Mel Redondo foi conquistado por Martim Soares Moreno e por Pero Coelho de Sousa, e os franceses foram expulsos do Ceará para o Maranhão.

→ França — Du Prantz foi um navegador francês que tentou conquistar o forte de São Sebastião, na Barra do Ceará, em Fortaleza, mas não obteve sucesso. Os índios do Ceará o chamavam de Curyma. Du Prantz enviou 80 homens do Maranhão até o Ceará com o objetivo de conquistar de vez o Ceará, mas foram expulso pelos poucos portugueses que habitavam a vila de Fortaleza. Esses portugueses encontravam motivação para a luta nos fortes discursos do padre Baltazar João Correia.

→ Holanda — Matias Beck foi um navegador holandês que esteve no Ceará junto com Gedeon Morris durante o período que a Holanda conquistou o território de Pernambuco. Assim, no Ceará, Matias Beck tentou consolidar a conquista holandesa construindo o forte Schoonenborch usando

o trabalho dos escravos que os próprios holandeses trouxeram. Matias Beck também era um excelente escritor e escreveu um diário sobre a sua viagem à Capitania do Ceará. Eu faço questão em divulgar esse diário de Matias Beck, pois através dele é possível sabermos como foi fracassada a invasão holandesa no Ceará. Nesse diário é possível perceber que Matias Beck não possuía nenhum interesse em trazer a civilização holandesa a Capitania do Ceará, mas apenas de explorar o território em busca de ouro e de outras coisas preciosas que ele havia ouvido falar de Martim Soares Moreno em suas cartas. Esse diário da expedição de Matias Beck não é o original e completo escrito por Matias Beck, mas sim uma cópia transcrita e traduzida por José Hygino Duarte Pereira quando esteve na Holanda em 1885. Porém, esse diário é de grande utilidade para a história do Ceará, pois nele sabemos, mais ou menos, como foi a rápida invasão holandesa ao Ceará e quais eram os seus reais interesses no Ceará. Matias Beck era, basicamente, um pirata que estava a serviço

da Holanda. Porém, Matias Beck não era um homem mau; era um homem bom e inteligente; era apenas um pirata em busca de riquezas no novo mundo. Além disso, é errado considerar Matias Beck como o fundador da cidade de Fortaleza, pois uma cidade católica não pode ter um protestante como seu fundador. O mais correto é considerar o Manuel Francês como o fundador da cidade de Fortaleza, já que foi ele que fundou a Vila de Fortaleza em 1726.

→ Holanda — Gedeon Morris foi governador da capitania do Ceará entre 1638 e 1644. Foi morto pelos índios da Barra do Ceará.

→ Holanda — George Garstman foi quem de fato conquistou o Ceará para a Holanda. Ele invadiu a Barra do Ceará e conquistou e destruiu o forte de São Sebastião.

→ Holanda — Jan Batista Syens foi um holandês que esteve no Ceará durante o século 17 procurando esmeraldas.

→ Holanda — Hendrick Hendriksen Cop esteve explorando a Capitania do Ceará.

→ Holanda — Claes Andreasen Cluyt também explorou a Capitania do Ceará.

***

Veja quem são os portugueses mais importantes que governaram a Capitania do Ceará:

→ Antônio Cardoso de Barros é um dos nomes mais importantes da história da Capitania do Ceará e um dos menos estudados. É criticado por muitos e ignorado por outros; porém, ninguém nunca ousou fazer um estudo verdadeiramente aprofundado sobre a importância do donatário e fidalgo Antônio Cardoso de Barros para a história do Ceará. Muitos dizem que Antônio Cardoso não tinha interesse nas terras do Ceará, mas se for

verdade, então por quê recebeu as terras? Sem ele, na minha opinião, o Ceará nem existiria hoje em dia como Estado, pois foi graças a ele que o Ceará ganhou de Portugal o status de Capitania Hereditária. Antônio Cardoso de Barros foi o primeiro "dono" ou governador da Capitania do Ceará, mas nunca chegou ao território cearense, pois ao tentar chegar no Brasil, o seu navio naufragou e o levou à morte. Assim, Antônio Cardoso nunca teve a oportunidade de colonizar o Ceará. Caso Antônio Cardoso rejeitasse ser o donatário da Capitania do Ceará, o nosso atual território seria apenas uma região simples de Pernambuco ou do Maranhão. Eu diria que a importância de Antônio Cardoso de Barros para a história do Ceará, foi o fato dele ter aceitado ser donatário da Capitania do Ceará, pois caso ele tivesse se recusado, o Ceará teria se tornado território maranhense ou pernambucano e o povo cearense não iria existir. Por isso o nome de Antônio Cardoso não pode ser apagado da história do Ceará.

→ A importância de Pero Coelho de Sousa para a história do Ceará, foi o fato

dele ter tido a coragem de desbravar o território semiárido cearense perdendo os seus filhos para a fome e sede. Aqui, os filhos de Pero Coelho de Sousa foram mártires. Pero Coelho foi o nosso primeiro capitão-mor. Foi ele quem expulsou os franceses que estavam com o índio cearense Mel Redondo.

→ Martim Soares Moreno foi um dos portugueses mais destacados na conquista do Ceará. Foi tão importante que o escritor cearense José de Alencar lhe homenageou escrevendo um romance: A Iracema. Existe, também, em Fortaleza, uma estátua de Martim Soares Moreno no forte de Nossa Senhora da Assunção. Durante o seu governo, foram criadas na Capitania do Ceará prisões, igrejas e fortalezas de madeira. Foi também Martim Soares Moreno que fundou, em Fortaleza, na Barra do Ceará, a Aldeia de Nossa Senhora do Amparo. Martim Soares Moreno nasceu em 1586, na cidade de Santiago do Cacém, em Portugal. Chegou no Brasil com 17 anos, e veio pela primeira vez ao Ceará com 18 anos, como soldado de Pero Coelho de

Sousa. Esse Martim Soares Moreno, que era muito católico, é considerado o verdadeiro fundador do atual Ceará. O seu nome foi escrito no livro dos heróis da pátria. O grande historiador Diogo de Campos Moreno era tio de Martim Soares Moreno. Aliás, Martim Soares veio ao Brasil por obedecer às ordens de seu tio. Foi o seu tio que o enviou ao Ceará com apenas 17 anos junto com Pero Coelho de Sousa. Por muitos anos o Ceará cresceu sob o governo de Martim Soares Moreno. Este católico ávido de glórias católicas, entrou no Ceará primitivo e colocou os fundamentos do que iria se tornar a futura civilização cearense; ele também dominava perfeitamente a língua dos índios do Ceará. Ele se considerava filho do índio Jacaúna. Martim Soares Moreno tinha um senso de humanidade enorme. Martim Soares era muito forte para um católico e muito católico para ser um guerreiro. Ele era um verdadeiro soldado de Deus. Também foi Martim Soares Moreno o fundador da primeira Igreja da Capitania do Ceará que se

chamava Igreja de Nossa Senhora do Amparo.

→ Diogo Coelho de Albuquerque foi um fidalgo Cavaleiro da Casa Real e comendador da Ordem de Cristo, que foi também capitão-mor da Capitania do Ceará pelos anos de 1662. Foi durante o seu governo que a Capitania do Ceará perdeu autonomia e praticamente se tornou uma colônia da Capitania de Pernambuco. Isso aconteceu, porque Diogo Coelho de Albuquerque havia pedido ajuda ao capitão-mor da Capitania de Pernambuco, Francisco de Brito Freire, onde o governador da Capitania de Pernambuco se aproveitou da fragilidade da Capitania do Ceará e a anexou ao seu território. A Capitania do Ceará só voltaria a ser autônoma no ano de 1799.

→ Pedro Lelou foi um importante capitão-mor do Ceará quando a Capitania Cearense estava sob o governo de Pernambuco. Ele foi um bom católico preocupado com o batismo e a educação dos índios cearenses. Também defendeu a

criação de uma igreja matriz na Capitania do Ceará.

→ Jorge de Barros Leite foi capitão-mor da Capitania do Ceará entre os anos de 1699-1703. Jorge de Barros foi um político e militar liberal que restituiu a liberdade aos índios Tapuias da Aldeia Araré durante o seu governo.

→ Manuel Francês governou a Capitania do Ceará entre os anos de 1720-1728. E no ano de 1726 mandou fazer a primeira planta ou desenho da Vila de Fortaleza. Por isso, muitos, inclusive eu, o consideram como o fundador da cidade de Fortaleza, Capital do Ceará. Manuel Francês esteve no Brasil por um tempo de 27 anos. O debate sobre a fundação da cidade de Fortaleza é longo. Existem várias teorias. Mas se tivermos que escolher alguém para ser considerado o fundador da capital cearense, esse é Manuel Francês. Manuel Francês fez algumas reformas na igreja matriz da Vila de Fortaleza e no forte de Nossa Senhora da Assunção utilizando o seu próprio dinheiro.

→ O capitão-mor do Ceará João Batista de Azevedo Coutinho de Montauri foi um dos nossos maiores intelectuais. Ele foi um dos primeiros a fazer o mapa dos rios da Capitania do Ceará; além disso, ele foi um dos raros portugueses a considerar a Capitania do Ceará um lugar rico e paradisíaco. Foi ele que descobriu o grande potencial salino da Capitania do Ceará. Ele escreveu a Notícia Geral da Capitania do Seará Grande. Não se sabe quase nada sobre a vida do João Batista de Montauri; sabe-se apenas que foi um importante capitão-mor do Ceará. E sei também que foi ele quem teve a brilhante ideia de defender a Vila de Fortaleza como a Capital da Capitania do Ceará em vez da vila de Aquiraz que era uma vila dominada pelos Ouvidores corruptos da Capitania do Ceará que eram inimigos dos capitães-mor. Para ele, era mais lógico e útil que a Vila de Fortaleza fosse a capital, já que ela era muito mais rica economicamente por causa do porto do Mucuripe. João Batista de Montauri é um dos capitães-mor mais importantes e um dos menos conhecidos.

Foi ele também um dos primeiros estudiosos do povoamento da Capitania do Ceará. O seu pequeno, mas importante trabalho sobre a Capitania do Seará Grande é um trabalho que todos os cearenses precisam conhecer. João Batista de Montauri quando foi capitão-mor da Capitania do Ceará teve que enfrentar os Ouvidores corruptos da Capitania do Ceará. Escreveu um importante relatório de mais de 100 páginas no ano de 1785 onde denuncia esses Ouvidores ao rei de Portugal. João Batista de Montauri tinha uma grande preocupação com os índios da Capitania do Ceará. Não consigo imaginar o grande João Batista de Montauri como um "guerreiro" como foi Martim Soares Moreno; mas apenas como um homem culto e pacífico, voltado para a solidão e para os estudos. Era um homem de intensa atividade intelectual; as suas numerosas cartas são uma prova disso. Devemos citar mais o governo de João Batista de Montauri quando formos falar da Capitania do Ceará. Como todos os governadores da Capitania do Ceará (bem diferente dos governadores

do atual estado do Ceará, quase todos ricos) João Batista de Azevedo Coutinho de Montauri morreu pobre e sem reconhecimento do seu trabalho na Capitania do Ceará.

→ Luiz da Motta Feo e Torres foi um importante capitão-mor do Ceará que governou a Capitania entre os anos de 1788-1799. No ano de 1791, Luiz da Motta Feo e Torres, com a ajuda do capitão-mor da Capitania de Pernambuco, Tomás José de Melo, teve que enfrentar uma perigosa epidemia no Ceará. Diz, Tomás José de Melo, em suas cartas, que a Vila de Granja, perdeu mais de dez mil habitantes, e que a Capitania do Ceará não tinha nenhum médico de profissão — o que depois começou a mudar, pois o Tomás José de Melo enviou um importante médico para ajudar a combater a epidemia na Capitania do Ceará. E também enviou professores, especialmente José Lopes Cardoso, para ensinar medicina, farmácia e cirurgia na Capitania do Ceará. Luiz da Motta Feo Torres era Cavaleiro da casa de D. João quinto. Nasceu em Lisboa a 8 de abril de

1732, onde faleceu a 14 de outubro de 1813. Era filho de uma família nobre. Tinha apenas três anos quando foi nomeado cavaleiro da casa do citado monarca, e em 1741 Cavaleiro da Ordem de Cristo. Aos oito anos sucedeu a seu pai no cargo da Casa de Ceuta, lugar de que tomou posse em 1753, quando completou vinte e um anos de idade. Em 27 de julho de 1769 assentou praça de soldado voluntário no Regimento de Cavalaria do Cais, escolhendo esta arma por ser mestre em equitação, arte que aprendera com o marquês de Marialva D. Pedro. Em 1771 passou para o regimento de Mecklemburgo, sendo reconhecido cadete em 1779. Em 1788 foi nomeado capitão-mor da Capitania do Ceará, e partiu para o seu governo a bordo do Real Pedro em 1789. Demorou-se algum tempo em Pernambuco, e seguiu depois numa sumaca para o Ceará, onde chegou a 4 de novembro. Governou onze anos esta Capitania do Ceará com grande acerto, desenvolvendo a cultura do algodão, aumentando os rendimentos da fazenda pública, e ajudando com energia aos males

da epidemia e da seca que era então o grande flagelo da Capitania do Ceará. Em 1799 entregou o governo ao seu sucessor Bernardo Manuel de Vasconcelos, e seguiu para a Europa a bordo da charrua Santo António Polifemo, comandada pelo 1.º tenente José dos Santos Lopes, por alcunha O Laranja. Naufragou, e salvo pelo navio Trajano, entrou em Lisboa absolutamente privado de todos os recursos, porque as suas economias lhes engoliram o mar. Luiz da Motta era um excelente estudioso que sabia muito de matemática.

→ Outro nome que merece destaque que governou a Capitania do Ceará, é o pernambucano Antônio José Vitoriano Borges da Fonseca que governou a Capitania do Ceará por 17 anos. Esse Antônio Vitoriano era mestre em arte pela Companhia de Jesus, filósofo, historiador e memorialista. Era também familiar do Santo Ofício. Foi o que mais ajudou o Santo Ofício na Capitania do Ceará.

→ João Carlos Augusto de Oyenhausen-Gravenburg foi um grande nobre e primeiro marquês de Aracati.

Durante o seu governo na Capitania do Ceará, o Ceará teve um grande progresso na área da saúde pública e nas ciências naturais. No seu governo, a Capitania do Ceará estava passando por uma severa seca.

→ Luís Barba Alardo de Menezes foi um Cavaleiro da Ordem de Cristo que chegou a governar a Capitania do Ceará entre os anos de 1808 e 1811. Era um notável católico e fidalgo da casa real. Foi ele quem ordenou o levantamento na Capitania do Ceará de uma planta hidrográfica. O seu governo coincidiu com as aberturas dos portos no Brasil ao comércio europeu, procurou, com muita habilidade, aproximar a Capitania do Ceará com a Inglaterra, incentivou a navegação, cuidou da agricultura, introduziu diversas indústrias na Capitania do Ceará e finalmente fez a Capitania progredir.

→ Manuel Inácio de Sampaio era fidalgo da casa real e governador da Capitania do Ceará. Foi um dos mais importantes governadores da Capitania do Ceará. No seu governo foi construído o

mercado central, o poço da Vila de Fortaleza, o correio do Ceará e o grupo intelectual dos Oiteiros que produziam poemas e romances dentro do palácio do governo. Podemos dizer que os Oiteiros são os patriarcas da literatura cearense. Os Oiteiros eram intelectuais portugueses e cearenses da Capitania do Ceará, amigos do governador Manuel Inácio de Sampaio, que faziam discursos e poesias de teor cultural e político. Podemos também considerar os Oiteiros como sendo a nossa primeira academia de letras no Ceará. Foi, também, durante o governo de Manuel Inácio de Sampaio que a capital da Capitania do Ceará se urbanizou através do excelente trabalho do engenheiro Silva Paulet. Me parece, aliás, que a fortaleza da capital cearense foi reformada durante o governo de Manuel Inácio de Sampaio até chegar na forma que possui hoje em dia. Manuel Inácio de Sampaio foi um grande patriota português que buscou manter o Ceará como território português ultramarino.

A INQUISIÇÃO NO CEARÁ

Nos arquivos da torre do tombo em Portugal existe quatro processo contra moradores da Capitania do Ceará, são eles:

→ Miguel Alves de Faria Pita nasceu em Santo Antônio de Trocunhães da Mata, Capitania de Pernambuco, mas morava na ribeira de Jaguaribe, freguesia de Nossa Senhora do Rosário das Russas, Capitania do Ceará. Foi acusado por crime de perjúrio. Foi condenado a pagar penitências espirituais e multa.

→ Antônio Correia de Araújo Portugal vivia na Vila de Icó, na Capitania do Ceará. Foi acusado de bigamia e condenado a penitências espirituais e multa.

→ Francisco Barbosa nasceu em Açores e vivia no sertão de Acaracú na Capitania do Ceará. Foi condenado por poligamia e a punição foi açoite

publicamente, penitências espirituais e multa.

→ Francisco Luis de Mariz Sarmento foi acusado de libertinagem e de blasfêmias. Era morador da Capitania do Ceará.

O Vigário da Vila de Aquiraz José Pereira de Castro reclamava da inquisição no Ceará por favorecer a tirania de João Batista de Azevedo Coutinho de Montauri falando contra uma cega crença. E qual era a cega crença que falava o Padre? Era que não existia no Ceará pessoa mais ilustre do que esse capitão-mor.

Sabemos que existiu inquisição na Capitania do Ceará; e sabemos que também houve abusos e injustiças nesse tribunal. Porém, o maior erro dos historiadores materialistas quando vão estudar a inquisição na Capitania do Ceará, é colocar os crimes da inquisição na Igreja Católica, em vez de colocá-lo em Portugal, pois a inquisição não era, de maneira alguma, um tribunal eclesiástico, mas sim um tribunal político que só existia dentro dos domínios

portugueses e espanhóis. Se fosse um tribunal eclesiástico, haveria inquisição em todos os lugares onde a Igreja Católica estava presente, ou seja, haveria inquisição no mundo inteiro.

A inquisição na Capitania do Ceará foi um mal que atrasou a nossa produção literária em mais de 300 anos, pois ela não permitia que fosse publicado livros na Capitania do Ceará; ela foi a responsável por transformar a população cearense em um povo de nível intelectual muito baixo por falta de leitura.

Muitos inquisidores usavam a doutrina católica para justificar as suas injustiças. Obviamente que muitos padres, de origem portuguesa e espanhola, participaram da inquisição; porém, eles estavam ali por ordem do Estado e não por vontade própria. Estavam ali porque temiam as punições do próprio Santo Ofício.

Porém, nem todo inquisidor era injusto. Tínhamos o grande inquisidor da Capitania de Pernambuco da qual a Capitania do Ceará era subordinada, o Bispo

Dom José Joaquim de Azevedo Coutinho que escreveu uma carta defendendo a paz com os índios da Capitania do Ceará.

A VIDA INTELECTUAL NA CAPITANIA DO CEARÁ

A educação na Capitania do Ceará era uma educação jesuítica, pois somente os jesuítas fundaram escolas na Capitania do Ceará. Era ensinado o Ratio Studiorum aos índios do Ceará.

Na Capitania do Ceará, os jesuítas ajudaram os cearenses a criar uma educação paisagista e gongórica que cultuava a terra semiárida da Capitania do Ceará. Era uma educação que misturava o naturalismo com a teologia católica.

As poesias eram feitas oralmente, pois a extrema-pobreza e a falta de gráficas não lhes permitia publicar livros.

Naqueles tempos os cearenses ricos liam muito a literatura portuguesa.

Esses padres jesuítas fizeram um excelente trabalho educacional na Capitania do Ceará.

A inclusão na história do Ceará de intelectuais e educadores que viveram na Capitania do Ceará tem o efeito imediato de derrubar o conhecido argumento que diz que a nossa produção intelectual e educacional é "recente" e por isso não pode competir contra as produções literárias da Europa.

Trata-se aqui de trazer à luz intelectuais cearenses que viveram na Capitania do Ceará e que estão destinados ao esquecimento.

Em meio a crise em que a Capitania do Ceará mergulhava, esses intelectuais assumiram a responsabilidade de refletir sobre a delicada situação em que o Brasil se encontrava.

Durante o século 18, foi fundado em Aquiraz um hospício dos jesuítas. Esses padres jesuítas permaneceram em Aquiraz por 32 anos. Hospício, na linguagem daquela época, significa Hospedagem. Era

ali onde os jesuítas ficavam hospedados com objetivo de recuperar as suas forças, pois muitos deles vinham caminhando de Pernambuco até o Ceará ou do Maranhão ao Ceará, para depois prosseguir a viagem para os mais inóspitos lugares da Capitania do Ceará. Esse Hospício dos Jesuítas, também servia como seminário e como escola para a população cearense. Ali era ensinado, entre outras coisas, a gramática latina.

Outros grandes professores além dos Jesuítas que ensinavam gramática latina na Capitania do Ceará foram o Padre João Rufo de Freitas da Costa, Padre José Moreira e Teodósio Luís da Costa Moreira em Aracati; o Pardo João da Silva Tavares e Joaquim Francisco de Paula em Fortaleza. Também havia professores de gramática latina em Aquiraz. Provavelmente todos esses professores haviam nascidos na Capitania do Ceará. Existiam professores de gramática latina em todas as Vilas da Capitania do Ceará. Portanto, foi ali, em Aquiraz e Fortaleza, onde surgiram os

primeiros seminários e as primeiras escolas na Capitania do Ceará.

Sendo assim, o Hospício dos Jesuítas foi o único lugar onde a cultura e a vida intelectual foram difundidas na Capitania do Ceará. Nesse Hospício dos Jesuítas começaram a chegar muitos livros religiosos de origem portuguesa que eram usados na catequização dos índios do Ceará.

Assim, naquele tempo, começou a surgir na Capitania do Ceará, uma sociedade de educação católica, como na idade média, cujos os mestres eram os jesuítas.

No fim das contas, o Hospício dos Jesuítas de Aquiraz representou o auge da vida intelectual na Capitania do Ceará.

Muito provavelmente o fundador do Hospício dos Jesuítas foi o Padre alemão João Guinzel (ou Guedes), que veio à Capitania do Ceará em companhia de outros 10 padres alemães. Ao chegar na Capitania do Ceará foi recebido por João Dantas de Aguiar e por João de Barros

Braga, dois portugueses que estavam residindo em Aquiraz.

Esses padres jesuítas seguiam uma filosofia e educação de origem tomista.

Porém, jamais foi publicado algum livro religioso na Capitania do Ceará, pois isso não seria possível. Não tínhamos editoras e nem tão pouco livrarias. Para os intelectuais da Capitania do Ceará as portas do sucesso estavam fechadas. Uma só porta se abria diante dos seus passos, era a porta do convento, do retiro, do esquecimento!

Além disso, esses padres jesuítas possuíam verdadeiro pavor da literatura, por considerarem obra dos pagãos.

Os jesuítas que estiveram na Capitania do Ceará liam e escreviam pouco, mas pensavam muito; tínhamos verdadeiros gênios vivendo na Capitania do Ceará.

Portanto, a vida intelectual na Capitania do Ceará era vivida exclusivamente pelos jesuítas e por seus discípulos.

O nosso grande governador da Capitania do Ceará João Batista de Montauri fez muito pela educação na Capitania do Ceará. Foi João Batista de Montauri quem criou escolas de gramática latina em Fortaleza, Aracati e Icó.

Um grande intelectual cearense que nasceu na Capitania do Ceará foi Manoel do Nascimento Castro e Silva. Provavelmente recebeu uma educação jesuítica na Vila de Aracati.

Outro importante intelectual que nasceu na Capitania do Ceará foi Manuel Soares da Silva Bezerra, que podemos considerar como o primeiro filósofo cearense.

Os Oiteiros foram um grupo de poetas da Capitania do Ceará que existiu entre os anos de 1813 e 1814 e que se reuniam na Vila de Fortaleza para fazer poemas. Eles tinham esse nome porque faziam referência às festas literárias que existiam nos mosteiros dos jesuítas na Capitania do Ceará.

Os Oiteiros basicamente foram criados ou fundados pelo governador da Capitania do Ceará Manuel Inácio de Sampaio, português, culto e bastante ligado às letras portuguesas que começou a realizar o projeto de urbanização da Vila de Fortaleza. Ele fundou os Oiteiros como uma forma de registrar os seus feitos como governador.

O grupo dos Oiteiros surgiu durante o Arcadismo no Brasil. Sua produção poética, em sua maioria, apresentava como objetivos principais: fazer elogios aos heróis do Ceará da época, destacando seus feitos e realizações; exaltar as belezas da natureza e da vida cearense; comemorar acontecimentos simples do cotidiano como a construção de um poço de água na Vila de Fortaleza. Veja uma pequena lista dos principais poetas do Oiteiros da Capitania do Ceará:

→ José Pacheco Espinosa nasceu em Portugal, na Ilha da Madeira, foi militar das guardas de Aquiraz e um dos principais

comerciantes de Fortaleza durante a Capitania do Ceará, chegando a fazer comércio direto com os europeus. Em 1786 casou-se e constituiu família em Aracati, passando a escrever poemas em prol da causa da independência do Brasil.

→ Padre Antônio de Castro e Silva nasceu na Vila de Sobral, em dezembro de 1787. Era Padre pertencente à Congregação do Oratório, da Casa da Madre de Deus, situada em Pernambuco. Foi capelão do governador da Capitania do Ceará Manuel Inácio de Sampaio, e escreveu vários poemas.

→ Pedro José da Costa Barros nasceu na Vila de Aracati em 1779, ele se recusou fazer parte do grupo político de Portugal para lutar pela causa da independência do Brasil. Eleito deputado em nosso país, foi nomeado Ministro da Marinha e, em seguida, presidente do Ceará, para onde veio em 1824 onde governou por durante um ano. Abandonando a vida pública, faleceu no Rio de Janeiro em 1839.

→ Padre Lino José Gonçalves de Oliveira também foi membro dos Oiteiros.

Esses Oiteiros seguiam os preceitos da cultura neoclássica de origem portuguesa e eram influenciados por alguns brasileiros como o Cláudio Manoel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto.

A VIDA RELIGIOSA NA CAPITANIA DO CEARÁ

A vida religiosa na Capitania do Ceará foi marcada pela influência do catolicismo. Foram os seus maiores representantes os padres jesuítas.

Essa influência católica tinha como principal objetivo salvar a alma dos nativos do Ceará fazendo deles bons católicos.

O Padre Francisco Pinto foi o nosso primeiro mártir católico. Natural dos Açores, ele foi o primeiro missionário da

Capitania do Ceará, onde foi morto pelos índios, na Serra de Ibiapaba, a 11 de Janeiro de 1611.

Na Capitania do Ceará inexistia a separação entre o plano religioso e o plano social. Ambos estavam totalmente fundidos, daí o domínio do catolicismo na Capitania do Ceará.

O povo da Capitania do Ceará era um povo abençoado. Abençoado era esse povo cujo a pobreza ninguém inveja.

Há muitas coisas notáveis na população da Capitania do Ceará, sobretudo a sua caridade, onde todas as coisas eram comuns entre eles, não apenas entre os nativos, mas também para os portugueses que vieram construir uma nova vida na Capitania do Ceará.

O habitante da Capitania do Ceará tratava o seu pároco como se fosse um rei. Tão grande era o respeito pelos párocos que quase não existia um cearense que não fizesse uma oferenda toda vez que ia à Igreja.

Os índios cearenses aceitaram o catolicismo depois de grande resistência, e por esses padres foram educados nos melhores princípios cristãos; e aprenderam a amar a paz e a verdade, a se contentar com a pobreza, a cultivar a ciência, a arte, a poesia; chegaram mesmo a distribuir o ouro que guardavam com os portugueses, não como antes faziam, roubando e acumulando, mas sim doando.

De todas as Capitanias Hereditárias do Brasil, a do Ceará era a mais moderada nos seus hábitos, virtudes e modéstia religiosa.

A Igreja Católica chegou na Capitania do Ceará juntamente com os portugueses, e depois disso a sua glória no Ceará não teve fim.

É nítido a grande influência do catolicismo na Capitania do Ceará. Qualquer pessoa que estudar aquele período irá perceber isso.

O catolicismo na Capitania do Ceará, possuía uma grande qualidade: a tolerância. O catolicismo tolerou os costumes

indígenas e por isso ela teve um grande respeito dos nativos.

Muitos índios faziam belas imagens Sacras na Vila de Aquiraz. Essas imagens ainda estão conservadas no Museu de Aquiraz.

Na Capitania do Ceará a Igreja Católica fazia o papel do Estado, assumindo, em boa parte, a saúde espiritual e física da população cearense que não tinha proteção estatal. Dessa forma, tínhamos na Capitania do Ceará um verdadeiro Estado Católico. O único Estado que existia era o Estado religioso! Sim, porque em uma sociedade sacralizada como a da Capitania do Ceará, quem de fato governava era a religião. O resto era considerado efêmero ou desprezível. E o governo da Capitania do Ceará compartilhava do poder religioso nomeando párocos para as igrejas. A Igreja Católica era agente da ordem e da lei, bem como da política e da moral, tinha um sólido fundamento religioso, que considerava o povo da Capitania do Ceará como súditos da Igreja, sempre obedientes aos discursos autoritários dos Padres. Os revolucionários,

os rebeldes, os subversivos, recebiam os nomes de ireligiosos, de impiedosos, de malvados, de pessoas destituídas de religião e de moral, que violentavam os preceitos divinos.

A população da Capitania do Ceará sabia mandar e sabia obedecer. Sabiam o que era uma hierarquia. Conheciam a natureza em que viviam. Os cearenses da Capitania do Ceará reconheciam a majestade dos seus conquistadores portugueses, daqueles que se sacrificaram por essas terras e por esse povo.

Os cearenses da Capitania do Ceará reconheciam a religião católica como um caminho de salvação, tal como acontecia na Idade Média. Os líderes da Capitania do Ceará eram homens que se destacavam por suas virtudes católicas.

Um importante padre jesuíta que esteve na Capitania do Ceará foi o padre paulista João Leite de Aguiar que nasceu em São Paulo e veio para a Capitania do Ceará ainda muito jovem em uma época que quase todos os padres se negavam a visitar a pobre

Capitania do Ceará. Ele era um paulista de nascimento e cearense de vocação. Segundo ele próprio, tinha o hábito de São Pedro. Ele escreveu uma carta de muito valor para os católicos cearenses onde ele narra a sua jornada no Ceará cujo o principal objetivo era converter os índios cearenses à religião de Cristo. Esse padre paulista foi um dos primeiros a denunciar o trabalho escravo que os portugueses estavam fazendo com os índios do Ceará.

Os Padres que estiveram na Capitania do Ceará eram verdadeiramente heróicos. São eles os verdadeiros fundadores do movimento abolicionista no Ceará. Foram eles que de fato colonizaram a Capitania do Ceará. Eles, frequentemente, viajavam pelo inóspito sertão do Ceará, convertendo, batizando e aldeando índios para a fé católica. Foram eles que fundaram igrejas, hospitais, vilas e escolas. Por isso, os nomes desses padres que estão nesta lista logo abaixo deveriam ser citados frequentemente nos livros de história do Ceará, pois foram eles que trouxeram a civilização para o Ceará.

Na Capitania do Ceará, especialmente na Vila de Fortaleza, existia uma Confraria de Nossa Senhora da Assunção, cujo objetivo era fazer caridade. O capitão-mor Sebastião de Sá concedeu uma sesmaria na Barra do Ceará para a construção de um convento ou mosteiro desta ordem religiosa.

Nossa Senhora da Assunção era a padroeira da Capitania do Ceará.

Na Capitania do Ceará não tínhamos somente religiosos jesuítas, mas também religiosos franciscanos e carmelitas.

Obviamente que existem muitos outros padres que não estão nesta minha lista, pois eu decidi escolher apenas os mais importantes.

Veja os nomes dos padres mais importantes que estiveram na Capitania do Ceará:

→ Frei José da Madre de Deus foi acusado de ser o instigador de um motim contra o Ouvidor da Capitania do Ceará

José Mendes Machado e de outro motim contra o coronel Sebastião de Sá, em Acaracú, na Capitania do Ceará.

→ Padre Luís Figueira era um missionário e escritor. É o autor da Jornada do Maranhão de 1608 e da Arte da Língua Brasílica, impressa 1621. Em 2 de fevereiro de 1607, celebrou a primeira missa no território do Ceará, na foz do Rio Jaguaribe, na Capitania do Ceará. É um dos Padres mais eruditos que já passaram na Capitania do Ceará.

→ Padre Francisco Pinto foi morto em 11 de janeiro de 1608, na Chapada de Ibiapaba, na Capitania do Ceará. Era um Padre muito inteligente que sabia falar perfeitamente a língua dos índios. Ele foi o primeiro Padre mártir no Ceará.

→ Padre Antônio Vieira veio como chefe das missões da Serra da Ibiapaba, na Capitania do Ceará, durante o século 17, sendo auxiliado pelo capitão-mor da Capitania do Ceará Jorge Correia da Silva.

→ Padre João Leite de Aguiar nasceu em São Paulo e veio para a Capitania do

Ceará ainda muito jovem. Ele era um paulista de nascimento e cearense de vocação. Segundo ele próprio, tinha o hábito de São Pedro. Ele escreveu uma carta de muito valor onde narra a sua jornada no Ceará cujo o principal objetivo era converter os índios cearenses à religião de Cristo. Esse padre paulista foi um dos primeiros a denunciar o trabalho escravo que os portugueses estavam fazendo com os índios do Ceará. Padre João Leite de Aguiar aldeou os índios Jaguaribaras e Anacés em Parnamirim.

→ Padre Caetano Ferreira de Andrada foi pároco da Igreja Matriz da Vila de Aquiraz.

→ Padre Antônio de Holanda Cavalcante era Sacerdote do Hábito de São Pedro e advogado na Capitania do Ceará por um tempo de 13 anos, e formado em artes na faculdade de filosofia. Era sumamente pobre e sem patrimônio.

→ Padre João Guedes (Guinzel), superior e fundador do Hospício dos Jesuítas da Capitania do Ceará, na Vila de

Aquiraz. Nasceu em 1660 e morreu em 1743†. Em 1700, o Padre João Guinzel reuniu índios Baiacus na Missão de Nossa Senhora da Anunciação nas proximidades da atual cidade de Tabuleiro do Norte, no Ceará. O Padre Guedes era alemão e pertencia à Companhia de Jesus. O Padre Guedes chegou ao Ceará em companhia de outros 10 Padres alemães.

→ Padre José Pereira de Castro foi vigário de Aquiraz. Escreveu umas cartas denunciando os abusos de autoridade do capitão-mor João Batista de Azevedo Coutinho de Montauri.

→ Padre Jorge Aires de Miranda Henriques, Presbítero do Hábito de São Pedro, foi preso por ter sido acusado de participar das sublevações da Capitania do Ceará. Sublevações na Capitania do Ceará eram tentativas populares de separar a Capitania do Ceará da Capitania de Pernambuco.

→ Padre João Saraiva de Araújo foi cura da Vila do Icó.

→ Padre João de Marques Monteiro foi cura da Ribeira do Acaraú.

→ Padre Francisco de Lira foi professor do colégio do Recife e recebeu uma sesmaria na fazenda imbueira, na Capitania do Ceará, para o uso dos missionários. Era Sacerdote da Ordem de Jesus, superior da Missão de Ibiapaba, na Capitania do Ceará.

→ Padre João de Matos Monteiro foi cura na Vila de Sobral, na Capitania do Ceará.

→ Padre João Brewer foi um missionário e estudioso dos índios. Escreveu uma carta onde relata a quantidade de índios na Capitania do Ceará.

→ Padre Ezequiel Gameiro foi cura e vigário da freguesia das Russas na Capitania do Ceará. Ele era Sacerdote do Hábito de São Pedro. Recebeu uma sesmaria na Ribeira do Banabuiú, na Capitania do Ceará, para o uso dos missionários, porque o Padre havia descoberto a terra e povoado com seus gados vacuns e cavalares tendo pedido

posse do local e do pessoal da terra. Por isso, o Padre solicitou as terras para si.

→ Padre Manuel Felix da Cruz foi vigário da freguesia de Icó.

→ Padre Félix de Azevedo e Faria era Sacerdote do Hábito de São Pedro.

→ Padre José Manuel da Veiga foi vigário da Vila de Fortaleza.

→ Padre José Moreira foi professor de Gramática Latina na Capitania do Ceará.

→ Padre José Basílio Moreira nasceu em 1765 e foi pároco da freguesia de Santo Antônio de Quixeramobim na Capitania do Ceará.

→ Padre José Gonçalves de Medeiros foi vigário da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Vila de Sobral.

→ Padre Antônio José Moreira foi pároco da Igreja de São José do Ribamar da Vila de Fortaleza.

→ Frei Antônio de Santa Rosa foi cura na freguesia do Cariri.

→ Padre Francisco Gregório Pereira Façanha esteve na Capitania do Ceará e foi um escritor, poeta e filósofo da história durante o século 18. Escrevia os seus poemas em latim. Escreveu "Dissertação sobre a história" em 1799 no seminário de Olinda.

→ Padre Gaspar de Samperes esteve na Capitania do Ceará quando veio resgatar o Padre Luis Figueira. Era um excelente arquiteto.

→ Padre João Rufo de Freitas da Costa foi professor régio de Gramática Latina na vila de Fortaleza, na Capitania do Ceará.

→ Padre José Gonçalves de Medeiros foi vigário da Vila de Sobral.

→ Padre João Duarte do Sacramento foi um missionário que esteve em Pernambuco e no Ceará. Escreveu ao Reino de Portugal pedindo que os soldados da Capitania do Ceará sejam proibidos de levar índias para dentro dos quartéis.

→ Padre Ascenso Gago recebeu uma sesmaria no Rio Camocim, na Capitania do Ceará, para o uso dos missionários.

→ Padre Domingos Ferreira Chaves foi prefeito das Missões dos jesuítas do Ceará.

→ Padre António de Sousa Leal tinha o Hábito de São Pedro e recebeu uma sesmaria no Rio Siupé, na Capitania do Ceará, para o uso dos missionários.

→ Padre Alexandre da Fonseca foi vigário da Igreja de São José do Ribamar, na Vila de Aquiraz, na Capitania do Ceará.

→ Padre António Farinha Preto foi missionário na aldeia de Paranamirim, na Capitania do Ceará.

→ Padre João da Costa foi o fundador da Aldeia Nova, onde fica atualmente Morada Nova, no Ceará.

→ Padre João de Matos Serra foi vigário colado da Vila de Aquiraz, fundador do Arraial Novo, sob a invocação de Nossa Senhora, onde hoje é a cidade do Icó, e aldeou os índios Icós.

→ Frei Carlos Maria Ferrara era da ordem dos franciscanos e italiano de nascimento. Ele construiu uma capela de taipa na Capitania do Ceará. Recebeu uma sesmaria do capitão Antônio Mendes Lobato para o uso dos missionários. Ele foi um dos primeiros missionários dos índios Cariús na Vila do Crato.

→ Padre Alexandre Cabral Marcos recebeu uma sesmaria no Rio Choró, na Capitania do Ceará, para o uso dos missionários.

→ Padre Alexandre Cabral Marrecos recebeu uma sesmaria no Rio Jaguaribe, na Capitania do Ceará, para o uso dos missionários.

→ Padre Antônio Fernandes Bastos Quaresma recebeu sesmarias no Rio Jaguaribe e na Ribeira do Quixelô, na Capitania do Ceará, para o uso dos missionários. Ele era Vigário na Capitania do Ceará.

→ Padre Antônio Fernandes de Coitos Quaresma recebeu uma sesmaria no

Rio Quixeramobim, na Capitania do Ceará, para o uso dos missionários.

→ Padre Antônio Teixeira de Borba era Sacerdote do Hábito de São Pedro e recebeu uma sesmaria no Rio Catu, na Capitania do Ceará, para o uso dos missionários.

→ Padre Felipe Paes Barreto recebeu uma sesmaria no riacho Comay, na Capitania do Ceará, para o uso dos missionários.

→ Padre Manuel de São Gonçalo recebeu uma sesmaria no Rio Banabuiú, na Capitania do Ceará, para o uso dos missionários para fundar um convento na Capitania do Ceará. Ele era Prior do convento da reforma de Goiana de Pernambuco.

→ Padre José Pimenta de Aguiar recebeu uma sesmaria na Ribeira do Banabuiú, na Capitania do Ceará, para o uso dos missionários.

→ Padre Manuel Coelho de Lemos recebeu uma sesmaria na Aldeia de

Caucaia, na Capitania do Ceará, para o uso dos missionários. Era Sacerdote do Hábito de São Pedro.

→ Padre João Alves da Rocha recebeu uma sesmaria na Ribeira do Curú, na Capitania do Ceará, para o uso dos missionários.

→ Padre Agostinho de Castro e Moura era Sacerdote do Hábito de São Pedro.

→ Padre João Martins de Melo era Sacerdote do Hábito de São Pedro.

→ Padre Miguel Gonçalves Mazagão era Sacerdote do Hábito de São Pedro.

→ Padre Manuel de Sousa Correiro era Sacerdote do Hábito de São Pedro.

→ Padre Manuel Álvares da Fonseca era Sacerdote do Hábito de São Pedro.

→ Padre Francisco Vaz Leite era presbítero secular, foi pároco da Vila de Fortaleza e vigário geral da comarca do Ceará Grande. Era natural do Recife.

→ Padre Antônio de Castro e Silva nasceu na Vila de Sobral, em dezembro de 1787. Era Padre pertencente à Congregação do Oratório, da Casa da Madre de Deus, situada em Pernambuco. Foi capelão do governador da Capitania do Ceará Manuel Inácio de Sampaio, escreveu vários poemas. Faleceu em Portugal em 1863.

→ Padre João Teixeira de Miranda foi missionário na Capitania do Ceará em 1729.

→ Padre Jacobo Cócleo foi um missionário que esteve em Camocim, Fortaleza e Parangaba, na Capitania do Ceará.

→ Padre Baltazar João Coreia foi vigário da Vila de Fortaleza durante a invasão francesa. Se colocou ao lados dos portugueses com fortes discursos.

A VIDA ECONÔMICA NA CAPITANIA DO CEARÁ

A vida econômica na Capitania do Ceará girava fundamentalmente em torno da criação de animais, da plantação de algodão e de alguma agricultura de subsistência. Não ia além disso.

O Ceará nunca prosperou economicamente por causa das infinitas guerras que teve de enfrentar.

Esse nosso Ceará apesar de ser "pobre" sempre foi muito cobiçado por várias potências. As maiores potências daquele tempo eram Portugal, Espanha, Holanda, Inglaterra e França. Porém, o Ceará não era cobiçado apenas por potências estrangeiras, mas também por potências nacionais como as Capitanias de Pernambuco, Rio de Janeiro, Maranhão, Bahia e São Paulo que sempre buscaram explorar o território cearense.

Na Capitania do Ceará dominava um sistema patriarcal onde os servos eram como se fossem filhos dos senhores.

Os negros foram comprados pelos portugueses e trazidos para a Capitania do Ceará; assim, os portugueses livraram os negros da escravidão islâmica e os colocaram em uma situação mais branda, como a servidão. Trazidos para a Capitania do Ceará, esses escravos foram educados nos princípios católicos. Na Capitania do Ceará, os servos podiam casar e constituir família; podiam praticar os seus costumes tradicionais; esses direitos eles não tinham na África islâmica. A doutrina que os portugueses passavam para os servos era a seguinte: "se fizerem o que eu mando, já não os chamaremos de servos, mas sim de amigos". E, de fato, na Capitania do Ceará brancos, negros e índios sempre foram amigos.

A servidão, diferente da escravidão, não tem como finalidade o trabalho forçado, mas sim um sistema hierárquico com a finalidade civilizatória. Em uma sociedade hierarquizada como a da Capitania do Ceará

existiam cinco castas: 1) Clérigos ou Padres. 2) Aristocratas ou Intelectuais. 3) Guerreiros ou Militares. 4) Burgueses ou Comerciantes. 5) Servos ou Escravos.

O Clero estava acima de todos e representava o poder espiritual; eram os verdadeiros patriarcas da Capitania do Ceará; já os aristocratas vinham logo abaixo dos clérigos e representavam a elite intelectual, e muitas vezes serviam aos clérigos; os guerreiros eram os governantes, capitães-mor, embora alguns deles também fossem aristocratas, e esses guerreiros representavam tanto o poder espiritual como o material; os burgueses eram representados pelos comerciantes e detentores do poder econômico e material; e os servos eram os trabalhadores, simples artesão e construtores que trabalhavam para os burgueses.

Segundo João Batista de Montauri, na sua Notícia Geral da Capitania do Seará Grande, a economia da Capitania do Ceará era muito rica com muito gado, carne seca, salgadas, couros, e solas, e que da Capitania do Ceará eram enviados para outras

Capitanias do Brasil em imensas embarcações, porque a Capitania do Ceará, por ser uma das mais ricas, atrás apenas da Capitania de Pernambuco e São Vicente, era a única que socorria as outras. E que a Capitania do Ceará lucrava, segundo a moeda daquela época, mais de um milhão por ano.

Sobre a agricultura na Capitania do Ceará, tínhamos uma agricultura muito primitiva que semeava a plantação de milho, feijão, arroz e outros grãos. Assim permanece até os dias de hoje a nossa pobre agricultura.

Em muitos lugares da Capitania do Ceará, os que cuidavam de gado eram homens e mulheres de grande nobreza que viviam do suor do seu próprio trabalho. E muitos desses eram grandes artesãos.

A economia da Capitania do Ceará não era tão ruim como dizem. Ela era bastante desenvolvida para a época e a Capitania do Ceará era uma potência mundial na produção de lã como diz o grande filósofo naturalista que nasceu na

Capitania do Rio de Janeiro, e que veio a Capitania do Ceará fazer pesquisas sobre a economia e a natureza da Capitania do Ceará, estou falando do grande escritor João da Silva Feijó.

João da Silva Feijó foi um grande filósofo naturalista que nasceu no Brasil colonial, na Capitania do Rio de Janeiro. Ele foi também um grande pesquisador da natureza e da economia cearense durante o período da Capitania do Ceará, e escreveu um livro de raro valor que se chamava "Memória Econômica Sobre a Raça do Gado Lanígero da Capitania do Ceará, com os meios de organizar os seus rebanhos por princípios rurais, aperfeiçoar a espécie atual das suas ovelhas, e conduzir-se no tratamento delas, e das lãs em utilidade geral do comércio do Brasil, e prosperidade da mesma Capitania, escrita e oferecida ao Príncipe Regente Nosso Senhor pelo Tenente-Coronel João da Silva Feijó, naturalista da mesma Capitania e sócio correspondente da Real Academia das Ciências de Lisboa".

Além da capital do Ceará, Fortaleza, o filósofo João da Silva Feijó esteve em vários municípios ou vilas da Capitania do Ceará, entre elas estão Quixeramobim, Canindé e Baturité.

Esse pequeno trabalho escrito sobre a economia da Capitania do Ceará de João da Silva Feijó, é de extrema importância para se conhecer a economia da Capitania do Ceará, e, se for possível ainda, utilizar os ensinamentos do filósofo João da Silva Feijó na atual economia do Estado do Ceará.

A economia da Capitania do Ceará era tão boa que o próprio rei João VI reconheceu esse sucesso quando escreveu um alvará autorizando e favorecendo o comércio da Capitania do Ceará com Portugal.

Quando a Capitania do Ceará passou a ser governada pela Capitania de Pernambuco, o Ceará perdeu metade de suas riquezas e passou a fazer comércio apenas com a Capitania de Pernambuco.

Também a política das “sesmarias” marcou a economia da Capitania do Ceará.

As sesmarias consistiam em doações de terras desconhecidas aos portugueses e a índios aliados para que pudessem e vinhessem habitar a Capitania do Ceará.

A administração da economia na Capitania do Ceará era feita pela Provedoria da Capitania do Rio Grande do Norte.

Somente em 1799 foi criado na Capitania do Ceará uma Provedoria.

Basicamente, a Capitania do Ceará só fazia comércio com as Capitanias de Pernambuco e Bahia.

A Vila de Aracati tinha atingido um grande nível de prosperidade e servia de intermediário entre as Capitanias.

Naquela época, não era permitido à Capitania do Ceará fazer comércio direto com a Europa.

Durante o período colonial, o Brasil era dividido em dois Estados, são eles: o Estado do Maranhão e o Estado do Brasil. A Capitania do Ceará iniciou-se como Capitania do Estado do Maranhão; depois

passou para o Estado do Brasil a pedido de Martim Soares Moreno.

A Capitania do Ceará esteve sob a maior parte do período colonial sob o governo da Capitania de Pernambuco. E apesar da Capitania do Ceará possuir governador (capitães-mor) quem realmente governava a Capitania do Ceará era a Capitania de Pernambuco. E por causa disso, a Capitania do Ceará começou a ser povoada por imigrantes pernambucanos. Era mais vantajoso para a Capitania do Ceará estar sob o controle da Capitania de Pernambuco do que sob o Estado do Maranhão, pois a Capitania de Pernambuco era a mais próspera das Capitanias Hereditárias do Brasil.

Em 17 de janeiro de 1799 a Capitania do Ceará se tornou independente da Capitania de Pernambuco, podendo fazer comércio com o restante do Brasil e com a Europa.

Politicamente, a Capitania do Ceará fez parte do Estado do Maranhão de 1621 a 1656, a partir de quando passou a fazer parte

do Estado do Brasil, sendo que por ordem régia de 1668 adquiriu o estatuto de Capitania subordinada à Capitania de Pernambuco.

Obviamente que a população cearense jamais aceitou ser governada pelo Maranhão. E Martim Soares Moreno foi um os que mais se opuseram a essa "dominação" do Estado do Maranhão na Capitania do Ceará. A sua oposição era tão bem articulada que ele escreveu uma carta ao rei de Portugal pedindo que a Capitania do Ceará fosse do Estado do Brasil e não do Maranhão argumentando que a Capitania de Pernambuco prestava mais socorros para a Capitania do Ceará do que a Capitania do Maranhão.

A riqueza e a pobreza são os dois elementos e a fonte de todas as desordens, perturbações e revoluções encontradas no mundo. A extrema riqueza de uns os leva ao orgulho, às delícias, aos prazeres, ao desprezo dos pobres. Já a extrema pobreza de outros os leva à inveja, ao ciúme extremo, ao desespero e à tentar conquistar a fortuna.

Não sabemos qual dos dois é o mais perigoso, se a riqueza ou a pobreza. Enquanto os ricos devem ser temidos por causa dos seus vícios, os pobres devem ser temidos por causa dos seus crimes.

Porém, existe outro erro gravíssimo. É o erro daqueles que buscam a igualdade entre ricos e pobres. Ora, não existe mais ódio senão entre aqueles que são semelhantes. O ciúme e a inveja é o que causa as guerras e revoluções. Se ricos e pobres fossem iguais viveríamos num mundo infernal. Por isso é necessário que exista uma certa desigualdade entre as pessoas, porém essa desigualdade deve ser moderada pelas virtudes.

Somente a Capitania do Ceará conseguiu essa moderação. É um fato que a sociedade cearense da Capitania do Ceará era desigual; contudo, se compararmos a desigualdade da Capitania do Ceará com a desigualdade do atual Estado do Ceará é uma diferença monstruosa. Na Capitania do Ceará a desigualdade era moderada pelas virtudes, de tal forma que todos eram beneficiados. Já hoje em dia a desigualdade

no Estado do Ceará é tão extrema que ninguém recebe benefício algum. Basicamente hoje o Ceará é feito para o benefício dos ricos e sacrifício dos pobres de uma forma extrema. Já a Capitania do Ceará era uma economia que beneficiava os ricos e os pobres de uma forma moderada. A harmonia de um violão não está na igualdade entre as cordas, mas sim na sua desigualdade. Cada corda tem seu tamanho diferente e desigual, contudo, todas elas estão contribuindo para a harmonia do som. A desigualdade extrema dos benefícios e privilégios tem duas origens. A primeira está no pecado, o que leva as pessoas a cometerem crimes; a segunda está na descendência de cada um. Se você for descendente de ricos, com certeza você também será rico; se você for descendente de pobres, com certeza você será pobre. As filhas dos ricos só vão casar com homens ricos, assim a sua fortuna se multiplica; enquanto que as filhas dos pobres só vão casar com homens pobres, assim a sua pobreza se multiplica; o ideal seria que existisse casamentos mistos entre ricos e

pobres, dessa forma as desigualdades diminuiriam e ambos seriam beneficiadas.

A VIDA MILITAR NA CAPITANIA DO CEARÁ

Segundo o capitão-mor João Batista de Montauri na Capitania do Ceará não possuía tropas regulares, mas apenas uma companhia, e os poucos militares dessa Companhia da Capitania do Ceará eram indisciplinados e irregulares.

Em cada Vila da Capitania do Ceará existia uma Ordenanças, cuja missão era fazer o trabalho de policiamento na Capitania do Ceará. Essas Ordenanças eram chefiadas por um sargento-mor. Quando alguém era preso, era levado para a Vila de Aquiraz onde ficavam os Ouvidores que eram encarregados de aplicar a punição ao criminoso.

A justiça e suas leis na Capitania do Ceará era baseada nas Ordenações Filipinas.

OS ÍNDIOS MAIS IMPORTANTES DA CAPITANIA DO CEARÁ

Durante o período do Ceará colonial ou como eu prefiro chamar “a Capitania do Ceará”, o nosso território era habitado basicamente por índios. Especula-se que os índios do Ceará giravam em torno de 5 mil a 15 mil habitantes durante a Capitania do Ceará, bem mais numerosos do que os portugueses e africanos. Em 1775 a população da Capitania do Ceará era de 34 mil almas.

Os índios da Capitania do Ceará já não eram pagão ou bárbaros; mas sim católicos e civilizados. Eram simples, viviam na humildade e sem ambições. Poderíamos dizer que boa parte da população da Capitania do Ceará era santa e por isso mesmo eu amo estudar a história da

Capitania do Ceará. Agora leia um pouco sobre a vida de alguns índios célebres da Capitania do Ceará:

→ Joana Nhanupatiba foi uma santa, índia casada e natural da serra da ibiapaba, na Capitania do Ceará, sendo atacada muitas vezes por um índio da mesma serra, que com promessas, afagos e ameaças procurava render a fortaleza da sua honestidade, mas nenhum abalo faziam no seu constante e fiel coração os fortes ataques, que lhe dava, e vendo o índio que ela sempre ficava triunfante a esperou em um bosque em dia de Nossa Senhora das Neves cinco de agosto de 1753, e colocando-lhe uma faca no peito a ameaçou com a morte se não satisfizesse seu desordenado apetite. A valorosa, santa e casta índia cearense mostrou tão pouco temor da ameaça, que com heróico valor lhe ofereceu o peito dizendo que nele livremente podia empregar seus golpes, porque de nenhuma maneira consentiria na ação em que pudesse ofender a Deus e a seu marido. Cego o índio por causa do seu

apetite, em que ardia seu coração torpe, lhe tirou a vida com muitas e penetrantes facadas, e com fim tão glorioso passou sua bendita alma desta vida mortal a coroar-se na eternidade.

→ Catarina Donzela era uma índia cearense que vivia na mesma serra da ibiapaba, uma índia chamada Catarina Donzela de angélicos costumes e vida inocente. Casaram-na seus pais com um índio da mesma nação, que havia provado do bom natural: porém como não basta ter bom nome, porque é preciso conservá-lo, ofuscou depois de casado à glória de suas passadas virtudes ofendendo muitas vezes o tálamo conjugal, e não podendo sofrer as admoestações, que brandamente lhe fazia sua mulher para o desviar da concubina, lhe deu uma facada tal e em tal parte, que não só a matou, senão que houvera ocultado o seu delito a não haver quem o descobrisse. Carregou ele mesmo o corpo de sua mulher defunta, e trazendo-o para a aldeia disse tinha falecido no mato de um executivo acidente, pedindo ao Padre missionário a enterrasse logo, porém como se fizesse

público o seu delito, fugiu apressado, e o seu Governador o procura com boas diligências para que seja o seu crime castigado como merece. Foi esta índia de tão boa vida desde sua infância, que se fez célebre entre as demais índias como exemplo da virtude. Foi morta por seu marido no ano de 1754, quando contava 17 anos de idade.

→ João Doy, de Nação Potiguar e entre os seus índio principal, foi Mestre-de-Campo, Governador dos índios do Ceará e Rio Grande por patente do Mestre-de-Campo General Francisco Barreto de Meneses. Seguiram algumas das aldeias destas capitanias que permaneciam na gentilidade, aos holandeses, e depois de serem lançados fora destas praças se conservaram sem sujeição a nosso império, cometendo horríveis hostilidades contra os moradores. Em 24 de maio de 1654 se lhes deu em nome d' El-Rei um perdão geral, de que não fazendo caso aqueles gentios, continuavam a cometer delitos. Contra estes rebeldes se pôs em campo João Doy, e deu logo não vulgares mostras do seu valor. Venceu e castigou a todos os que se

lhe mostraram contrários, e tendo por esfera estreita a seus espíritos os inimigos da sua mesma nação resolveu estimulado dos brios ir buscar maiores perigos, do que se lhe representaram na oposição dos seus. Passou a conquistar outras nações, o que conseguiu apesar de imensas contradições famosas porque basta-lhe para crédito a constância, com que esforçado soube vencer matando, e a gentileza com que valente chegou a triunfar morrendo.

→ D. Sebastião Saraiva, Cavaleiro da Ordem de Santiago, parente muito chegado dos ditos D. José e D. Filipe de Sousa. Não sendo os dotes do espírito inferior aos seus maiores não o têm sido no exercício das virtudes militares e políticas, merecendo pela sua singular capacidade e insignes merecimentos que EL-REI D. João V o nomeasse capitão-mor da dilatada e opulenta serra da Ibiapaba. Ao ardor militar excede o pio e católico, que lhe inflama o coração, sendo ao mesmo tempo capitão e catequista, igualmente vigilante em aumentar o Estado para seu Príncipe, como em estender o Império para Cristo.

→ D. José de Sousa e Castro, era Cavaleiro da Ordem de Santiago, Governador da Serra de Ibiapaba, nasceu entre os índios Tupis com distinta nobreza, herdando de seus maiores com o sangue, o valor e lealdade. Frondosas palmas e louros colheu o seu invencível braço dos rebeldes Potiguares e outros inimigos. Para vingar as hostilidades causadas pelas formidáveis armas de tantos bárbaros correu triunfante desde o Ceará até o Maranhão, e rendeu menos a violência do ferro que ao respeito de seu nome as nações contrárias obrigando-as a que rendidas e obsequiosas o buscassem para tutelar das suas aldeias. Constando ao Fidelíssimo Rei D. João V o valor, zelo e lealdade, com que o servia este insigne índio, lhe fez várias mercês, que seriam maiores se a morte o não arrebatara no ano de 1730.

→ D. Filipe de Sousa e Castro, Cavaleiro da Ordem de Santiago, nasceu na famosa Serra de Ibiapaba, e teve por pai o dito D. José de Sousa e Castro. Foi educado na Campanha, em cuja marcial palestra, anelando unicamente ser êmulo de seu pai,

mostrou que o valor para ser heróico não depende da dilação do tempo. Não foi inferior a glória que então conseguiu o seu braço em várias expedições, nem a que alcança agora em todas as ocasiões, que se oferecem do serviço D'El-Rei, em que sempre tem a maior parte o valor que a cobiça. Era Mestre-de-Campo do Terço, que existia na dita serra, e em seus robustos ombros sustentava toda aquela dilatada capitania incontrastável a violentas invasões.

→ O índio Jacob, foi um índio cearense que fundou a aldeia de São Benedito. Essa aldeia cresceria e se tornaria o município de São Benedito, no Ceará. Em 1759, quando aconteceu a Expulsão dos Jesuítas, da Serra de Ibiapaba, no Ceará, coube ao Índio Jacob reunir os índios católicos de sua obediência e buscar refúgio no Rio Arabê, instalando ali sua aldeia.

→ A Índia Iracema, foi uma índia que nasceu em Fortaleza da tribo dos tabajaras, filha de Araquém, velho pajé; era uma espécie de vestal (no sentido de ter a sua virgindade consagrada à divindade) por

guardar o segredo de jurema (bebida utilizada nos rituais religiosos). Segundo o autor José de Alencar, “Iracema” seria uma palavra com origem na língua tupi que significaria “A virgem dos lábios de Mel”.

→ Mel Redondo foi um chefe da tribo Tabajara, amigo dos franceses que estiveram no Ceará. Mel Redondo sempre foi um grande inimigo mortal dos portugueses.

→ D. Antônio Felipe Camarão foi um índio que lutou contra os holandeses e se tornou fidalgo e comendador da Ordem de Cristo, além de ter sido capitão-mor dos índios. Ele nasceu na Vila de Sobral.

→ João Soares Algodão foi o principal na missão de Parangaba. E era mestre de campo nessa mesma missão.

OUVIDORES DA CAPITANIA DO CEARÁ

No ano de 1723 foi criado uma Ouvidoria na Capitania do Ceará dando mais autonomia para a Capitania do Ceará. Essa Ouvidoria ficava em Aquiraz, pois naquele tempo era a única Vila que existia. A Vila de Fortaleza foi criada apenas em 1726.

A função do Ouvidor da Capitania do Ceará era de promulgar leis, estabelecer vilas e câmaras de vereadores, atuar como comissário de justiça e ouvir as reclamações da população sobre improbidade e desmandos dos servidores do Governo da Capitania do Ceará. Enfim, representava a administração da justiça real portuguesa e atuava como juiz em nome do rei de Portugal. Tudo isso faziam seguindo o Código das Filipinas.

Ouvidor era nada mais do que um simples juiz que estava em frequentes

conflitos com os capitães-mor da Capitania do Ceará por causa das suas más condutas.

A vida dos Ouvidores da Capitania do Ceará deve ser melhor estudada e pesquisada, pois eles eram, depois dos jesuítas, os únicos letrados da Capitania do Ceará. Já imaginou quantos livros, diários e cartas sobre a Capitania do Ceará foram escritos pelos Ouvidores? Agora veja uma lista com os nomes dos Ouvidores da Capitania do Ceará:

→ José Mendes Machado (1723).

→ Antônio Loureiro de Medeiros (1729).

→ Pedro Cardoso de Novaes Perreira (1732).

→ Victorino Pinto da Costa Mendonça (1735).

→ Tomás da Silva Perreira (1739).

→ Manoel José de Farias (1743).

→ Alexandre Proença Lemos (1749).

→ Victorino Soares Barbosa (1756).

→ João da Costa Carneiro e Sá (1770).

→ José da Costa Dias Barros (1777).

→ Felix Alexandre da Costa Tavares (1780).

→ André Ferreira de Almeida Guimarães (1783).

→ Miguel de Magalhães Pinto de Avelar Barbedo (1786).

→ José Vitoriano da Silveira (1793).

→ Manoel Leocádio Rademaker (1801).

→ Gregório José da Silva Coutinho (1852).

→ Luiz Manoel de Moura Cabral (1803).

→ Francisco Afonso Ferreira (1807).

→ Antônio Manoel Galvão (1810).

→ João Antônio Rodrigues de Carvalho (1815).

→ Adriano José Leal (1821).